

# VANTAGENS PARA INDÚSTRIA

**S**ão Paulo — Os empresários do setor industrial não disfarçaram ontem o contentamento diante do salto do câmbio frente ao dólar. Até mesmo os dirigentes de empresas com dívidas em moeda estrangeira comemoraram a retirada do governo do mercado e a desvalorização do real. Enfim, segundo afirmaram, o produto brasileiro vai poder competir com o importado, no mercado doméstico.

Também as exportações voltarão a competir no mercado externo e proporcionar rentabilidade às em-

presas. O produto brasileiro vinha perdendo do estrangeiro até mesmo em setores onde o País apresenta vantagens comparativas, como o de papel e celulose.

“Com o atraso cambial, ultimamente, até papel de imprimir e escrever da Indonésia era possível encontrar no mercado brasileiro”, informou o presidente da Associação Brasileira de Celulose e Papel (Bracelpa), Boris Tabacof. Ele disse que a presença do produto asiático nas papelarias brasileiras revela a situação desigual criada entre os compe-

tidores de um mesmo setor nos mercados interno e externo.

Para Tabacof, a menos que haja um descontrole na economia, a desvalorização do real “não tem contraindicação.” Esse diagnóstico só não vale para as indústrias endividadas em moedas estrangeiras e que destinam a produção para o mercado. Elas não terão meios de compensar as perdas financeiras. “Essas empresas vão viver no pior dos mundos”, prevê Tabacof.

A mudança na cotação do real também deverá favorecer a agricultura.

“Os produtores deverão finalmente conseguir pagar as contas”, declarou o presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB), Luiz Hafers. Isso deverá ocorrer não só porque os produtos agrícolas dirigidos ao mercado externo vão se valorizar, mas também porque os importados vão ter seus preços elevados no mercado interno.

Por sua vez, o empresário Antonio Ermírio de Moraes disse que para proteger o real o Brasil terá de aplicar um novo aumento nas taxas de juros, para que se compense aplicar o dinheiro aqui, em vez de

se comprar dólar. “Na minha opinião a única reserva que o País tem está no saldo que há entre exportações e importações.

O empresário estava preocupado com o câmbio e a saída de recursos do País. “Já perdemos, desde que começou a crise, cerca de US\$ 40 bilhões.” Segundo ele, “parece que as reservas especulativas permanecem, pois não pára de sair dinheiro do País”.

Outro setor que começa a comemorar a desvalorização do real é o imobiliário, que já apostou num aquecimento das vendas diante do atual

cenário econômico. Segundo o raciocínio de agentes do setor, a instabilidade do mercado financeiro faz com que os investidores direcionem seus investimentos para ativos fixos como imóveis. “Isso aconteceu na crise asiática e na moratória da Rússia”, diz Rubem Vasconcellos, presidente da imobiliária Patrimônio.

Os números do setor parecem demonstrar isso. Segundo Pedro Bulhões, da Construtora Bulhões Carvalho da Fonseca, em 1998 a empresa aumentou as vendas em 26% em relação a 1997.

Luiz Prado/SF



O americano Todd Vrain, professor de inglês em São Paulo, calcula que seu salário diminuiu em US\$ 495,00